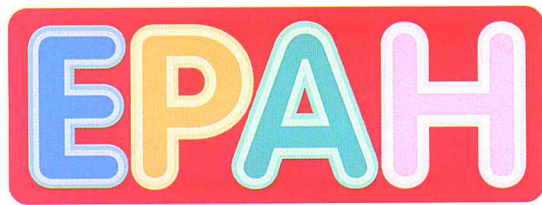


ASSOCIAÇÃO



Espaço de Prevenção e Atenção Humanizada

## PROJETO TIPO ASSIM

*Projeto forma adolescentes e jovens para autonomia e cidadania*

**E**m uma sala de um Centro da Criança e do Adolescente da zona sul de São Paulo, um grupo com 25 adolescentes e jovens olha desconfiado para dois adultos estranhos, como se seus olhares perguntassem quem são eles, o que querem e o que fazem ali. “Alguns pensam que vamos ensiná-los a fazer sexo”, diz a assistente social Maria José dos Anjos, da equipe do Projeto Tipo Assim. “Respondo que estamos lá para ensiná-los a se prevenir, principalmente das drogas”.

“Nas oficinas temáticas, formamos agentes multiplicadores de promoção à saúde e prevenção às doenças sexualmente transmissíveis (DST) e ao vírus HIV”, acrescenta o tecnólogo Marcelo Oliveira, coordenador do projeto da Associação Espaço de Prevenção e Atenção Humanizada (EPAH). As oficinas são ministradas em dez de 12 encontros e abordam os temas: corpo físico, corpo erógeno ou erótico, relações de gênero, álcool e outras drogas, violência doméstica, sexo seguro e prevenção às DST/aids, cultura familiar e sexualidade, violência e exploração sexual, gravidez na adolescência e projeto de vida.

As turmas são formadas por adolescentes e jovens de 16 a 24 anos de idade, vinculados a Centros da Criança e do



Adolescente (CCA) na zona sul de São Paulo. No primeiro encontro, com dinâmicas para as apresentações do projeto, dos temas desenvolvidos e de todos os participantes, pede-se a cada um que escreva uma carta relatando a expectativa com o curso. No último encontro, as cartas são devolvidas e eles têm a opção de lê-las para o grupo e revelar se as oficinas atingiram as expectativas, se ficaram aquém ou, até, se foram além do esperado.

“Eu escrevi ‘que eu aprenda bastante com todas as oficinas e que meus colegas tenham o mesmo comprometimento que eu vou ter’. Escrevi, mas esqueci. Quando vi a carta surpreendi-me com o que li. Tudo o que esperava foi superado”, diz a estudante Léia da Silva Oliveira, de 17 anos, beneficiária do projeto. Ela aprendeu o máximo que pôde. “A Léia foi assídua às oficinas, às atividades externas, foi sempre presente e participativa. Depois, a turma dela foi encerrada e em outra formação na instituição parceira ela nos ajudou a organizar o material e os oficinairos”, elogia Maria José.

Léia gostou muito da oficina de conhecimento do corpo. “Eu ainda não tive relação sexual, mas foi bom saber para quando chegar a hora eu estar preparada.” E emocionou-se na oficina sobre álcool e outras drogas, quando leu cartas de internos de uma clínica de recuperação para dependentes químicos. “A de um deles dizia para não entrarmos nessa vida que só leva à destruição. A



carta de uma mãe interna com saudade da filha pequena também me emocionou. A droga acaba destruindo famílias também.”

“Nós criamos vínculos. Na terceira oficina já nos chamam pelo nome e temos de aprender o de cada um deles também. Na décima, décima primeira oficina, começa a dar uma melancolia porque a gente sabe que vai ter de deixá-los, diz Marcelo. “No decorrer de três

**“Eu ainda não tive relação sexual, mas foi bom saber para quando chegar a hora eu estar preparada”**

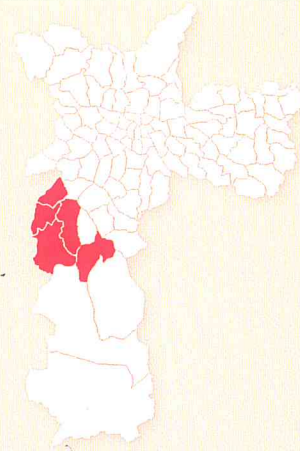
a quatro meses, que é o período em que ficamos com essas turmas, percebemos a evolução deles”, comenta Maria José, para quem em alguns espaços os adolescentes são mais maduros: “Eles conseguem entender alguns temas e executar algumas atividades com excelência, já em outros espaços são mais carentes, até de informações básicas”, avalia. “Mas vamos nos adaptando para atender às necessidades deles.”

População Prioritária

- ✓ Crianças, adolescentes e jovens vivendo com HIV e aids
- ✓ Mulheres e Homens em contexto de vulnerabilidade

Área de Atuação

- ✓ Promoção e Prevenção



Para Marcelo, o balanço “é extremamente positivo”, porque o Projeto Tipo Assim foi desenvolvido na periferia da zona sul de São Paulo, “muito esquecida pelo poder público”. É positivo, segundo ele, porque a formação torna-se uma alternativa aos “pancadões”, que proliferam na região onde faltam espaços de cultura e lazer para os jovens. “Muitos convivem com esses ‘pancadões’, baladas onde rola muito álcool, muita droga. E quando a gente ouve, no final da oficina, a carta deles, dizendo que iam ao ‘pancadão’ e que hoje não fazem 10% do que faziam, é muito positivo.” O “pancadão” acontece em locais que não têm segurança e “tudo o que é ilícito acontece ali. Isso, volto a dizer, só acontece devido à falta do poder público.

Léia nunca foi a um ‘pancadão’. “Eu fui criada de uma maneira totalmente diferente.” Ela é evangélica, mas frequentemente é convidada por suas colegas a ir a uma dessas baladas. Apesar dos convites, nunca sentiu “aquela vontade de ir”. “O curso me ensinou a falar com meus colegas a se prevenirem nas relações sexuais e a tomar cuidado com os ‘pancadões’.”

EPAH  
Associação Espaço de Prevenção e Atenção Humanizada  
Projeto Tipo Assim